

FERREIRA DE CASTRO

ETERNIDADE



cavalo de ferro

SOBRE FERREIRA DE CASTRO

M. Rodrigues Lapa: «[...] um dos nossos mais elegantes prosadores [...]» *Estilística da Língua Portuguesa* (1945).

Óscar Lopes: «Ferreira de Castro foi o primeiro grande romancista português deste século que se determinou por problemas objectivos e não apenas por impulsos íntimos.» *O Comércio do Porto / Estrada Larga* (1958).

Jorge Amado: «Com a arma da literatura ajudou a transformar o mundo. Foi verdadeiro escritor de nossa época, sendo, como queria Gorki, ao mesmo tempo coveiro e parteiro, coveiro de um mundo caduco, de um tempo podre, parteiro de um mundo novo, de um tempo alegre e livre.» *Diário de Lisboa* (1966).

John C. Gillespie: «[...] Ferreira de Castro tem, nas suas obras, um fundo de pensamento vital que parece passar despercebido pela maioria dos seus leitores portugueses.» *Diário de Lisboa* (1966).

Mário Sacramento: «A sua obra fecha um ciclo que a *Peregrinação* do Fernão Mendes Pinto abrija. E inicia outro que os nossos filhos verão cumprir-se.» *Litoral*, Aveiro (1966).

Robert Bréchon: «Il est aussi le romancier de la Subjectivité, de la conscience de soi, de la solitude des consciences et de leur affrontement, et c'est sans doute l'aspect le plus subtil et le plus profond de son oeuvre.» *Livro do Cinquentenário da Vida Literária de Ferreira de Castro - 1916/1966* (1967).

Agustina Bessa-Luís: «Assim são os livros de Ferreira de Castro: como uma árvore que amamos, de muito a ter absorvido na paisagem e no lugar da nossa vida.» *Memoriam de Ferreira de Castro* (1976).

José Rodrigues Miguéis: «Assentes na experiência pessoal do autor, sobressaem a funda humanidade e a capacidade evocativa, que uma linguagem plástica essencialmente sublinha.» *Memoriam de Ferreira de Castro* (1976).

Karl-Heinz Delille: «A matéria etnográfica de forte vertente social e humana que trespassa as suas obras, a autenticidade da narrativa testemunhal, o objectivismo da reportagem e a técnica cinematográfica, o exotismo do alheio e do longínquo, a aventura, a plasticidade e força poética das descrições da natureza que permitem ao leitor assistir de perto aos fenómenos evocados, mas também o sentido ético, moral, mítico [...]» *Actas A Selva 75 Anos – Congresso Internacional* (2007).

SOBRE *ETERNIDADE*

João de Barros: «Livro impressionante como nenhum outro do seu autor. [...] Obra de arte perfeita, abre tão vastos horizontes e tão ilimitadas perspectivas, que é mais qualquer coisa ainda: – um estímulo e viático reconfortante na confusa e regelada névoa da existência contemporânea.» «Leitura da *Eternidade*», *Seara Nova* (1933).

Jaime Brasil: «*Eternidade*, protesto contra os absurdos da existência e transposição do seu drama íntimo [...] fecha o que podemos considerar o ciclo da parte memorialista da obra do autor.» *Ferreira de Castro – A Obra e o Homem* (1961).

Alberto Figueira Gomes: «Os quadros mais belos da paisagem madeirense, fixa-os o escritor, com seu profundo sentido de apreensão da cor, da harmonia e da grandeza e amplidão do cenário.» «Ferreira de Castro e a Madeira», in *A Voz da Madeira* (1966).

Álvaro Salema: «O romance *Eternidade*, publicado em 1933, é o reflexo literário do pungente drama interior que Ferreira de Castro sofreu durante três anos de renovada dor.» *Ferreira de Castro – A Sua Vida, a Sua Personalidade a Sua Obra* (1974).

Carlos Jorge F. Jorge: «É na percepção nítida, pormenorizadamente descritível, do espaço idílico que [Ferreira de Castro] encontra uma linguagem para desenvolver o seu discurso sobre o mistério que o avassala: a inevitabilidade da morte e a repulsa que por ela sente.» «Lugares do idílio e espaços do exílio nos primeiros romances de Ferreira de Castro», in *Figuras do Tempo e do Espaço* (2001).

Ricardo António Alves: «*Eternidade* confirma e resume a obra castriana: o problema metafísico, a questão social, a acção como redenção e transfiguração. Em Ferreira de Castro, o homem ser pensante e credor de dignidade, tanto mais é significativo quanto maior for a sua integração no mundo: homem irmão do homem, mas também respeitador dos seres vivos que com ele partilham o planeta, animais ou vegetais.» «*Eternidade* de Ferreira de Castro: canto de morte e de amor» *in Islenha* n.º 48 (2011).

Carlos Costa Gomes: «O mundo em *Eternidade* fala de uma escola ética para não ficar prisioneiro dos próprios amores, dos próprios querereres e dos próprios interesses e só um coração inteligente é capaz de ganhar, perdendo. E porque perdeu, em *Eternidade*, o autor ganhou. Ganhou a possibilidade de ver o mundo como ele é, como ele não é, mas acima tudo como gostaria que ele fosse.» «O (des)lugar da ética na obra *Eternidade*, de Ferreira de Castro, *in C@striana* (2017).

A Diana de Liz

A LEGENDA DO PÓRTICO

Nós não queremos morrer! Nós não queremos morrer!

Meu irmão longínquo que te perdes na hipótese, escuta! Escuta o nosso desespero de seres efêmeros, esta ansiedade infinita que nos tortura há muitos milénios, este grito doloroso e impotente: Nós não queremos morrer! A nossa vida está pletórica de iniquidades, de misérias, de renúncias e de sofrimentos – e nós, apesar disso, não queremos morrer.

Tu, meu irmão longínquo, que já mataste a morte, que já criaste um novo mundo sobre o mundo em que vivemos, que já tens uma outra noção do Homem e do Universo, dificilmente compreenderás como nos foi possível viver assim. Este livro explica-te-á, porém, o nosso drama. É a nossa história que eu te ofereço aqui, a história de todos nós, que queremos ser eternos e temos de morrer, que queremos ser felizes e nunca o somos integralmente. Este livro será como uma voz remota, saída de uma noite negra e pânica, que dura não sabemos há quantos milhões de anos e durará, talvez, muitos mais ainda, uma voz que te dirá quanto sofreremos e lutámos para que tu possas viver doutra maneira e sorrir, porventura, de nós próprios...

Tu és a única resposta que encontramos para as nossas angustiosas interrogações. Uma resposta que me alvoroça e, simultaneamente, me desespera, porque eu queria ser como tu, queria ter nascido quando a inteligência humana tivesse assassinado a morte, quando a terra não estivesse, como agora, traspassada por tanta dor. E não posso! Não posso! Eu não quero morrer e tenho de morrer, sabendo que não morreria se nascesse mais tarde, não sei quando, mas um dia, o dia em que tu nasceste.

Não importa o século em que venhas a existir. Estas páginas estão cheias da tua presença e quanto mais longe estiveres de mim, mais perto eu estarei de ti, pressentindo-te, adivinhando-te, como o único consolo e a única razão moral da nossa existência. A tua vida terá, no espaço e no tempo, horizontes que a maioria dos meus contemporâneos dificilmente concebe. Eu sei isto, eu possuo esta certeza, eu vivo com esta verdade e, contudo, tenho de renunciar a ela, vencido por essa voz que vem de ti para mim e me desvaira, me humilha e me torna ainda mais desditoso:

— Esta é a época que tu sonhaste, mas já não poderás viver nesta época. Já não poderás viver nesta época...

Mesmo sem o querermos, toda a nossa vida está cortada de renúncias e fremente de esforços em teu benefício, meu irmão longínquo. Há já muitos milhares de anos que nós vimos sendo os rudes e obscuros caboucos da obra gigantesca que tu desfrutas e da qual ainda mal apercebemos os contornos. Dificilmente, porém, me resigno a isto. Eu não queria ser apenas um dos arcos da ponte de passagem que tem levado tantos séculos a atravessar; eu queria estar para lá do rio imenso, queria ficar ao sol, à luz, ficar ao teu lado! Eu queria ser eterno como tu, no teu mundo de fraternidade e de inteligência, onde já não existirão as iniquidades, as dores inúteis e os absurdos que, hoje, se expõem sobre a terra, maculando e diminuindo a sua beleza original. Eu sei que esse mundo, criado pela evolução humana, aberto pelo génio da espécie, virá a existir; sei que te apossarás do Universo, que dominarás os seus segredos e as suas leis, que te tornarás senhor da vida e que matarás a morte — mas quando eu já não for coisa alguma, quando eu já não for coisa alguma... E eu não queria deixar de ser! Eu queria estar sempre ao teu lado, amanhã, depois, sempre, sempre — eternamente!

Eu sei que quando a Humanidade se encontrar dividida em duas épocas distintas — a que obedecia, mísera, efêmera, desgraçada, à lei da morte e a que sobre essa lei triunfou — tu, meu irmão, estarás tão longe de nós e serás tão diferente, que até estas inumeráveis vidas que têm morrido não querendo morrer, que

têm morrido desejando ser imortais como tu, parecer-te-ão lendárias, mesquinhas, tristes coisas que não se pertenciam, rebanho de sombras que cobria, inutilmente, o planeta inteiro. Então, todos os séculos que já vivemos e que viveremos ainda sob o despotismo da morte, a odiarmo-nos uns aos outros, a massacrarmo-nos uns aos outros, a espoliarmo-nos uns aos outros, parecer-te-ão a ti que triunfaste da morte, e dos instintos, que és inteligência e não paixão, compreensão e não ressentimento, uma vasta, sombria e muda planície. Mas não te rias de nós, irmão longínquo, porque sem nós não terias existido, porque tu és filho da nossa inquietação, uma inquietação milenária que este meu pobre livro traduz, como um murmúrio, como uma queixa, como um protesto! Nós sabemos que já não nos beneficiará muito do trabalho que realizamos e, contudo, continuamos a trabalhar, a lutar, infatigavelmente, para te deixarmos um legado cada vez maior e mais maravilhoso – razão da tua existência. É esse o nosso orgulho e, por vezes, parece ser, até a nossa missão. E, no entanto, todos nós nos sentimos lesados, porque todos nós queríamos mais do que temos em felicidade e em perpetuidade.

Meu irmão longínquo, se um dia não puderes continuar a viver na Terra, não me deixes, aqui, entre os mortos. Antes de partires para outro sistema planetário que a tua ciência houver conquistado, escava o chão onde eu e quem eu tiver amado dormirmos o último sono e leva contigo um pouco do pó que guarde, ainda, algo de nós. Assim, morrerei com a sensação de que viverei mais, de que não ficarei abandonado entre os destroços, quando do que fui já não persistir sequer o frágil conforto da minha pobre e atormentada imaginação.

Fevereiro de 1933

Manhã alta, toda vestida de azul, com folhos brancos que o mar tecia e esfarrapava ao sabor da ondulação, a sombra escor-tinada na linha do horizonte ia crescendo e definindo-se em caprichoso recorte. Mais do que a terra próxima, como queriam os passageiros e a ciência náutica afirmava, dir-se-ia nuvem estática na luminosidade imperante. Era vulto apardaçado nos extremos, erguendo, algures, para o céu, um mamilo vulcânico e deixando que a sua encosta central se doirasse, suavemente, na luz matutina. Visto de longe, a medrar, a medrar parecia recém-nascido no mistério oceânico, para enlevo de olhos fa-tigados pela monotonia marítima. Juvenal Gonçalves já o sur-preendera, assim, de outras vezes. Mas nunca, como agora, o emocionara tanto, fazendo-o reviver a sensação que deviam ter fruído, outrora, os descobridores, ao ver surgir o arquipé-lago. Até então, o Atlântico ainda era para os portugueses um elemento masculino, fero e enigmático. O que estava para além, não se sabia; lendas e pensamentos estabeleciam cortina espessa, que vinha das alturas do céu, onde se acendiam as luminá-rias orientadoras, e, golpeando a enorme massa líquida, descia até profundidades abissais, julgadas sem fim. Proa que aspiras-se a rompê-la devia ser de caravela onde apenas gesticulassem heróis ou loucos, votados, por livre desejo, à morte. Só depois de dobadas várias décadas sobre o dia em que Zarco se apossa-ra da terra ignorada, é que o Atlântico se tornara, para os lusos, ser feminino – Atlântida legendária e de novo virgem, que eles iam deflorando a pouco e pouco, sob o impulso da ambição e da glória.

Mas, com o mar colérico ou tranquilo como agora, ventasse rijo ou corresse, à tona, ligeira brisa, o espectáculo seria sempre de surpreender e extasiar, após a viagem desoladora.

No convés lavado de fresco, Juvenal Gonçalves, o busto flechado sobre a amura, ressuscitava a pretérita visão, com tanta pureza emotiva como se, realmente, fosse a primeira vez que ali aproasse um navio.

O «Avelona Star», de boa singradura, trouxera para a direita do seu casco o vulto negrusco que até aí apresentava pela linha de proa. Porto Santo avolumara-se, revelando-se à curiosidade fugidia e perdendo em mistério o que dava em relevo orográfico. As suas casitas estendiam-se junto à riba, branquejando entre a paisagem e sugerindo uma vida tão plena de claridade como modesta; mas haviam crescido em número, sim, pois Juvenal pudera contar muito mais do que na época, já distante, em que viera com a família passar o estio na vila Baleira.

Agora, a ilha maior, a Madeira nativa, o imã que fascinava todas as pupilas errantes, ostentava-se mais além. Pardo como o do Porto Santo, o seu corpo, de linhas irregulares, parecia, visto assim de longe, totalmente despido de pompas vegetais, ninguém ousando profetizar os encantos que guardava para aqueles que lhe demandassem os cumes e as vertentes. Também Juvenal nunca a contemplara com tanta opressão e tristeza. Das outras vezes que a Madeira lhe surgira da face verde do oceano, todo ele era alvoroço perante os cenários da meninice já longínqua. Mas, agora, doze anos esgotados sobre a última visita, os valores espirituais de então tinham-se alterado e tudo perdera a razão de ser, tudo adquiria um só sentido: Ela! Haviam decidido vir os dois, para que ele lhe desvendasse a terra em que nascera e, afinal, vinha sozinho, deixando-a sepultada num cemitério de Lisboa.

Debalde tentava despertar outras recordações, afastando a obsessão. «Santana... Faial... Porto da Cruz... Sim, deve ser Porto da Cruz...» Procurava identificar, localizando-os ao sabor da marcha do navio, os burgos tradicionais da ilha. Mas logo surgia, aguda, a dor que não encontrava lenitivo algum. «Se ela tivesse vindo também...»

O «Avelona Star» contornava a ponta de São Lourenço. E por aqui, por ali, ladeando o ilhéu Chão ou a caminho do Porto Santo, pequenas canoas abriam para o céu a sua asa branca. «Também ele andara uma tarde, com ela, assim num barquito defronte de Trouville...» E via a cena, via-a com toda a nitidez: ele ao leme, ela sentada em frente, temerosa, receando que a vela se desprendesse e a arrojasse ao mar; logo, excitada, os seus belos olhos sorrindo pela distração que, de imprevisto, se lhe oferecia. No dia seguinte, haviam passado de Trouville ao Havre, num velho navio, que o mar fazia bailar, desesperadamente, sobre o dorso convulso. Era a primeira viagem deles ao estrangeiro depois de unidos os seus destinos – e queriam ver tudo. Mas, na travessia, o rosto querido fora empalidecendo, clareando o vermelho-vivo dos lábios e nublando-se os olhos, onde a vida refloria, constantemente, num jardim de imagens maravilhosas. Como as duas velhas que se sentavam ao lado, destroços humanos que não teriam jamais tido, porventura, o seu encanto, ela enjoara. E ele, perante a figura esguia, de envolvente sortilégio, agora vencida pela matéria, contrariara-se. Durara um segundo apenas esse estado da sua sensibilidade; o afecto logo triunfara sobre o sentido estético da existência. Mas o encanto da tarde, mesmo quando as ruas escusas do Havre ofereceram piso firme, desvanecera-se irremediavelmente. «Se ela não houvesse morrido e estivesse agora lá dentro, no camarote, pálida, desgrenhada, submetida às razões do estômago enfermo?» Um instante ele viveu essa hora imaginária. Mas não, não! Que importava? Tinham a terra, a ilha deslumbrante, para ela readquirir toda a sua sedução. «Amor! Meu amor!» Protestava; contudo, o cérebro, atreito, por índole e exercício, a todas as especulações, pressentia, desoladoramente, que se ela viesse não estaria integrada em beleza total, como ele agora a via, como a via desde que ela morrera.

O «Avelona Star» cruzava-se com outro navio do mesmo armador e os seus silvos de saudação trouxeram Juvenal à vida do momento. Ao longe, por detrás do segundo barco, mostravam-se as Desertas, negras na manhã radiosa, mas pousadas em mar

tão manso que, mais do que ilhas atlânticas, dir-se-iam contrafortes dum lago. Eram menos irregulares do que as do resto do arquipélago as suas linhas de terra que desejou ser planalto após as convulsões pretéritas e ficara para sempre estéril, como se fosse a última da prole a assomar à flor da água, quando a matriz, sangrando fogo e lava, já não lhe pudera dar seiva criadora. Da sua existência, Juvenal recordava apenas a tarde em que o pai vovvera de uma caçada, trazendo, com a pelagem aqui e ali empastada em sangue, alguns pequenos coelhos – únicas vidas que saltitavam de fraga em fraga, na terra que, de tanto estar sepultada em água, não tinha água que se bebesse. Mas era, sim, curioso o grupo para quem o via de longe, a completar a lindeza da ilha principal, sobretudo em manhã que refulgisse ou à hora do crepúsculo, quando o seu perfil negro se coloria sob os raios do Sol poente. No futuro, o génio humano dar-lhe-ia utilidade «e quem sabe se, durante os doze anos da sua ausência... Mas não, não; nada ouvira dizer».

Tocavam para o almoço. Juvenal desceu, tendo, agora, no espírito, outra devoção. «Como estaria a abelha?» Essa ideia trouxe-lhe uma ternura sorridente, que, de súbito, afagava a ele próprio.

Em baixo, na ampla sala de luxo arcaico, a vizinhança da terra quebrara o ritmo habitual. Só um e outro inglês resistia ao nervosismo que se apossara de quase todos os que almoçavam, desejosos de irem, novamente debruçar-se na amurada ou de se aprestarem para desembarcar no Funchal, que era uma doce pausa na longa travessia.

Logo que terminou a refeição, Juvenal dirigiu-se ao seu camarote. Lá estava, sobre a placa de vidro, ao lado do lavatório, a caixita que guardara frasco de caprichoso perfume, colhido em roseirais de França. Mas encontrava-se estragada na fantasia externa, porque ele lhe abrira, a ponta de tesoura, três pequenos orifícios na parte superior. Pegou-lhe cuidadosamente e descerrou-a – o bastante apenas para poder ver o conteúdo. Brônzea e humilde no branco do quadrilongo interno, trémulas as asas e as patitas na luz que, de repente, a envolvia toda, expunha-se uma

pequena abelha. Ele encontrara-a ali mesmo, no camarote, debatendo-se contra o vidro grosso da «vigia», quando o navio, singrada há muito a foz do Tejo, não deixava já entrever, nem como sombra, a extremidade do continente europeu.

Dar-lhe a liberdade nesse momento seria dar-lhe, talvez, a morte. Outrora, o facto não o preocuparia e teria descerrado a «vigia», oferecendo às frágeis asitas a vastidão atlântica. Mas desde que Helena morrera, ele sentia-se humilde, humilde, tão humilde como aquele insecto. E muitas vezes perguntara a si mesmo se, efectivamente, a sua existência tinha, no mistério cósmico, para além de todas as aparências, alguma superioridade sobre a dos vermes ou a dos répteis. Não viviam, não se reproduziam e morriam, sob as mesmas leis inexoráveis, todos os indivíduos? Não se pressentia em todos eles o mesmo enigma da criação, o mesmo anseio de vida, a mesma origem de dor? Não estava a sua existência entregue aos mesmos perigos, indefesa perante a morte, lançada ao fluir caprichoso de um destino que não era possível demarcar? O homem dispunha de uma inteligência que os outros habitantes da Terra parecia não terem. Mas que importava, que importava se a superioridade só tornava mais difícil e doloroso o caminho, abrindo na alma um vácuo enorme, a ânsia profunda de uma perpetuidade que não existia? Tivera a morte de Helena mais importância no segredo infinito do que a dessas formigas que ele, outrora, esmagava com o salto dos seus sapatos – indiferentemente, sem atentar sequer no acto que cometia?

As suas próprias interrogações davam-lhe uma tão rasa piedade por si e por todo o ser vivente, que o seu espírito se tornava solidário com as múltiplas expressões da Vida, desde a que ras-tejava, asquerosa, à que se erguia, rebrilhando, em altos adejos, como se pretendesse romper a eterna submissão.

Ao enxergar a abelha, quisera salvá-la, capturando-a para a devolver à vida e à liberdade, no Funchal. O estojo do perfume surgira como um recurso. Abrira-o, tirara-lhe o frasco e, devagarinho, colocara a sua parte inferior sobre ela, esperando que, ao sentir-se presa, se agarrasse ao cartão. Não acontecera, porém,

assim. Logo que ele retirara a caixa, a abelha voejara, sem rumo, pousa aqui, pousa ali, até se quedar numa das vigas do tecto. Beliche acima, distendendo os braços, perseguiu-a. Os esforços perdiam-se inutilmente. Ela fugia-lhe sempre, como se recusasse a vida que ele lhe oferecia e, contudo, fugia-lhe para viver. Ele encontrava-se já cansado e sem arдил que não submetesse a perigo as asas delicadas e as débeis pernitás.

A abelha ficara sobre a moldura do espelho e Juvenal quedara-se a contemplá-la e a hesitar sobre se tinha ou não o direito de intervir no seu destino. Depois, ensaiara novos expedientes. Dando volta ao comutador, apagara a luz e imobilizara-se até os olhos se habituarem à obscuridade. De fora chegava, através da «vigia», uma ligeira claridade. Caminhara, então, para o espelho, a mão esquerda segurando a caixita, a direita pronta a auxiliar o aprisionamento. Um zumbido perpassara, porém, no ar e ele sentira a abelha pousar-lhe na face. Instintivamente, a sua epiderme contraíra-se, mas logo se dominara, receando que a estonteada lhe sepultasse na pele o ferrãozinho negro. «Se ferras, tola, morres!...» Para que o rosto não se movesse, estendera o braço e dera nova volta ao comutador. A abelha, ao ser envolta pela luz, desprendera-se, indo pousar sobre as calças do pijama, pendurado no cabide. Então, ele conseguira fechar, de um só golpe, as duas partes da caixa sobre a rebelde. Uma inquietação amainava, levantando outra. Se pudesse, tornaria imortal tudo quanto vivia – ou destruiria tudo num só momento! Dali em diante, ao deitar-se e ao levantar-se, espiava essa vida que salvara. Vivia!

Agora, vinha buscá-la, para restituí-la à existência livre logo que o navio ancorasse no Funchal.

O seu estado de alma suavizava-se sob uma nova ternura; e ele saiu levando a caixita. Debruçados na amurada, os passageiros extasiavam-se ante a costa da ilha, que se apresentava, finalmente, em todo o seu relevo e nitidez. Machico, sufocado entre duas montanhas, distanciava-se já à popa do navio. Mas a antiga capitania de Tristão Vaz, cenário dos amores lendários de Machim e onde a curiosidade lusíada primeiro fundeara, permitia

ainda que Juvenal, recordando passos da adolescência, contemplasse a sua enseada garrida e a sua praia, na qual fora aberto um campo de jogos, que ele não conhecia e se ostentava no flanco da antiga fortaleza. E não era só o novo estádio que marcava o espírito da época sobre o vale da História. Mais para trás, junto mesmo da terra em que, outrora, viveram donatários e outros senhores, erguiam-se, agora, para o céu, como se quisessem perscrutar a vida por cima das montanhas, duas altas chaminés de fábricas. E o casario, branco, risonho, aumentava sempre. Em busca de espaço e de maior largueza panorâmica, dera-se a trepar pelas encostas vizinhas, até ao Pico do Facho. Não contentava o ambicioso que cada janela fosse alegre miradouro sobre o mar e sobre o regaço de onde ele iniciara o ponto de partida. Queria mais e, pouco a pouco, ia sacudindo a cabeleira de colmo, substituindo-a por telha que gritava, de entre o verde-pardo do quadro, o seu vermelho novo. Em noite de festa tradicional, ardiam fogarêus por ali acima, lumes que erravam na treva, dispersos ou em procissão fantasmal de almas que quisessem alumiar o seu caminho. Era a costa piscatória que homenageava os oragos protectores de quem andava no mar, pescando de corrique, lançando a agulheira ou na lufa-lufa heróica de abater atum de cacho que adregasse passar. Os pescadores não cuidavam de turismo, como os homens de mais adentro; viviam miseráveis, tisonados pela labuta e alguns, quando as meias-águas ou as funduras empobreciam em habitantes e era época de cagarras novas, velejavam para a linha do horizonte e iam matar, lá muito longe, nas Selvagens, as aves adolescentes.

O navio mostrava, à direita, a estátua de Cristo Redentor, do-brava, agora, a ponta do Garajau. E surgia, esplendorosa, a baía do Funchal. O escuro da paisagem acidentada vista até ali, descendo vertentes, elevando-se em montanhas e formando irregular conjunto de saliências, quedas e desvãos, ia clareando em verde cada vez mais ameno, em policromia mais deslumbrante cada vez. Começava o encanto cá em baixo, na enseada ampla, onde ancoravam os navios — e dois lá estavam de porte majestoso e chaminés ovaladas ao gosto dos últimos cânones da arquitectura

naval; depois, rompendo por entre o mastream de canoas e rebocadores, os olhos deleitavam-se no anfiteatro imenso. Era um deslumbramento a terra que, escondendo o dorso sob castelos de bruma, irisados e quiméricos, vinha descendo, com seus parques, suas quintas, suas airosas vivendas quase ocultas pelo arvoredo, até a fímbria do mar, onde o casario da cidade se aglomerava, se achegava um ao outro, como se estivesse friorento — ali onde nunca havia frio. Subisse a curiosidade o declive central, riscado pelo serpenteio das ribeiras, ou vadiasse pelas bandas arqueadas, o sortilégio mantinha-se de inefável maneira. Gentes pobres e gentes ricas tinham-se alcandorado na montanha erguendo, aqui, ali, acolá, um telhado vermelho e rasgando na paisagem românticas e floridas janelas. A fé levantara, a meia encosta, templo de duas torres, onde repousava de sua vida novelesca o último imperador da Áustria, e, mais arriba, no Terreiro da Luta, evocava-se a Paz, em tosco monumento religioso. Mas, ao pormenor sobrepunha-se o todo, que, de tão belo, dir-se-ia obra de prodigioso artista, vista através de poderosa lente. E, perante a maravilha, a amurada do «Avelona Star» enchia-se cada vez mais de passageiros.

Juvenal conseguira, enfim, encontrar espaço para se debruçar e rever a terra nativa. As freguesias trepadoras haviam progredido durante a sua ausência: em todas elas descobria novas casas, varandas incrustadas na paisagem, animando-a e enriquecendo-a. «A vida continuava ali, como em toda a parte, com o seu sonho construtivo, a sua ambição e o seu esquecimento, como se o homem fora eterno. Parecia que só ele se torturava com o sentido efêmero da existência; que só ele sofria com essa ânsia de imortalidade que não tivera e não teria, talvez, jamais satisfação. Mas não, mas não... Também ele participara desse sentimento vital, secreto e infinito, que estende confusamente a vida humana para além dos seus limites. Fora preciso que Helena morresse, que a vida o atraísse, matando-a prematuramente, para que ele sentisse a inutilidade de todo o esforço e se comovesse perante o labor que os outros realizavam, mesmo os que não possuíam crença alguma. E quem tinha razão? Ele, enfermo de

amor e de morte e em período anormal, ou os outros, que construíam, e lutavam, e se reproduziam, legando, com a dor, a ilusão fortificada numa vida provisória? Quando o tempo cicatrizasse a grande ferida, não voltaria ele também à outra face da verdade imprecisável, à quimera que envolvia tudo?»

As suas mãos, ao procurar, no bolso, a cigarreira, encontraram a caixa com a abelha. Tinha-se esquecido dela e enteneceu-se mais. Olhou para a ilha, calculou a distância. O navio já estava muito perto. Podia soltá-la ali, que ela atingiria, facilmente, o seu porto de salvamento. «Seria, talvez, a mais feliz dos dois, na terra que se lhes oferecia agora...»

La libertá-la — a mão direita procurando levantar a tampa da caixa que a esquerda segurava — quando alguém, atrás dele, lhe pronunciou o nome. Um dos criados de bordo estendia-lhe, numa bandeja, um «rádio» que lhe era dirigido. Foi um instante apenas, mas um instante decisivo. O vento, que desgrenhava cabeleiras e fazia as calças modelarem as pernas dos que se debruçavam na amura, apoderara-se do sobrescrito. E ele lá ia, navio fora, levado pelo ladrão invisível, quando muitos braços se deram a capturá-lo, lesto e nervoso. Agarrara-o um argentino, no momento em que o papel lhe roçara os ombros. Essa vitória não trouxera, porém, a Juvenal tranquilidade alguma. Na confusão e alegre gritaria que o incidente estabelecera, caíra-lhe a caixa que continha a abelha e logo se fincara sobre ela o sapato do criado. Agora havia apenas um pouco de cartão espalmado no convés. Ele curvara-se imediatamente. Apesar de esmagada, a abelha movia ainda algumas das patitas. O criado, dando conta da imprevidência, desculpava-se. Mas as palavras, tudo, tudo à sua volta, parecia impregnado do mesmo sentimento de inutilidade de que ele sofria há muito tempo.

— Não tem importância —, disse, temendo que se rissem dele, se fosse descoberto o segredo dos dois pedaços de cartão.

Guardado o «rádio», tornou a olhar os despojos do insecto. As pernitias continuavam a agitar-se, mas cada vez mais debilmente, mais debilmente cada vez e, por fim, aquietaram-se. Ele voltou-se, então,

para o friso de curiosos, debruçados mais além. Nada! Não se dera alteração alguma no navio. A vida prosseguia, ali, na terra em frente, em todo o Mundo. Só ele sabia que aquela outra vida deixara de existir... Deixara?

Reagiu: «Sim, ele estava enfermo. Tinha a sensibilidade exacerbada. Normalmente, os homens não eram assim. E ainda bem que não eram assim! Ainda bem?»

Hesitou. Depois, estendendo o braço, atirou para o mar a caixita destroçada, onde a abelha era já um pouco de matéria informe, um cisco viscoso pegado ao cartão. «Se soubessem daquilo ridicularizá-lo-iam» – pensou, um instante.

Continuava a contemplar o esquite de papel, flutuando agora sobre as ondas – sobe, desce, desce, sobe – e afastando-se para a popa do navio. Dali a alguns segundos teria desaparecido para sempre e só a memória dele guardaria, talvez, uma vaga recordação. «Sim, não se passara coisa alguma...» Lembrou-se, então, do «rádio». Tirou-o do bolso e abriu-o.

LEAVING «ASTÚRIAS» – ELISABETH

Leu, releu, as três palavras. E ficou, de novo, contrariado. «Que disparate! Se ele não a amava! Se não a podia amar...» Prevendo as complicações que a decisão, assim posta, lhe traria, voltou a entristecer. Uma clareira de compreensão ia-se alargando no seu espírito: «Coitada, ela também sofreria. Tudo era absurdo, tudo era absurdo, tudo era...»

O «Avelona Star» lançava a âncora. Vinham, lá de baixo, vozes suplicantes:

– Patrãozinho! Patrãozinho!

O pacote já se encontrava cercado pelas canoas dos «bomboiteiros». Umás, carregadas de artefactos de verga, cadeirões, mesas e cestos que os homens da Camacha e até mesmo ali, no Funchal, entranchavam, dia e noite, em conquista de um pão sempre difícil. Outras luziam o esforço das mulheres indígenas: bordados que falavam de arte anónima e paciente, de vida precária transformada

em subtis delicadezas. E à frente do cortejo de vendilhões, movimento, rumor e alegria da baía, corpos que deviam andar na escola e outros que já teriam saído dos quartéis, expunham a sua destreza de mergulhadores:

– Patrãozinho!... Patrãozinho!

Se o solicitado atirava a moeda desejada, logo eles se lançavam à água e iam a três, quatro e mais metros de profundidade capturar a rodela, que marchava, rapidamente, para o fundo. Presa a fugitiva, alçavam-se de novo à canoa e, de tanga a desenhá-lhes o sexo, volviam a oferecer os seus arrojos e as suas graças. Havia os que mergulhavam à direita e, por fundo que descesse a quilha do transatlântico, iam emergir à esquerda; mas o trabalho, por ser de maior risco, exigia prévio ajuste, regateado com o curioso lá de cima.

Entre os «bomboteiros» singravam, agora, a lancha da «Saúde» e outras, sem tolda, onde se aglomeravam visitantes. Os olhos de Juvenal procuraram descobrir o irmão. Um braço ergueu-se, a saudá-lo, e ele reconheceu Álvaro, que lhe sorria. Estava um pouco mais gordo do que quando o vira da última vez, em Lisboa. E, com o aumento carnal, perdera a já vaga semelhança que, outrora, existia entre os dois. Vinha também o Elmano Vaz, que andara com ele no liceu, e mais amigos, que lhe acenavam lá de baixo. As lanchas atracavam e ele desceu para o convés inferior.

– Meu irmão...

Tinha de cumprimentar os outros e estava a impedir o trânsito de quem entrava ou saía. Afastou-se, levando-os consigo, para lugar onde se reunia menor número de passageiros. Entre eles próprios havia espírito de confusão.

– O Elmano! Há quanto tempo não nos víamos!

– É verdade!...

Álvaro intervinha:

– Não te lembras aqui do Alberto Perestrelo e do doutor Manuel Vieira?

– Lembro-me! Lembro-me! Não me havia de lembrar!

– E abraçou-os.

— Já te esperávamos no «Angola».

— Realmente estive para vir nele. Mas desisti, porque tem várias classes e é aborrecido viajarmos bem instalados, enquanto os outros viajam como nós sabemos...

E sorrindo:

— Este, como só tem primeira, dá a ilusão de que todos vivem confortavelmente. Claro, se não se pensa nos que trabalham junto das fornalhas...

Álvaro estranhou as palavras do irmão, que lhe pareceram inteiramente pueris. Expedito, chamou homem de sua confiança e encarregou-o das malas de Juvenal que deviam ir para a Alfândega.

A lancha já se encontrava cheia quando eles desceram. Tinham de ir a pé, apertados e dispersos. Os olhos de Juvenal volveram-se, de novo, para a ilha. Lá estava a Pontinha, com o seu farol erguido sobre a velha fortaleza e seu cais avançando, em suave curva, baía adentro, como braço protector de navios. Lá estava o Pilar de Banjer, ao qual ele tanto desejara subir quando era criança. Dir-se-ia chaminé de fábrica subterrânea ou lança-luz à navegação, construído em tijolo e olvidado ali, junto mesmo ao embarcadero. Desfraldava agora, no simulado mastaréu, três bandeiras referentes aos barcos fundeados — três manchas de cor, por detrás das quais, lá em cima, lá longe, se via o algodão em rama da neblina, preso aos cumes.

Em tráfego nervoso, outras embarcações passavam ao lado da lancha. Toda a baía era uma risada — alegria, animação e fulgurância. E lá estavam, lá estavam escuros e luzidios, os calhaus que mar trazia e levava de uma banda para a outra, num range-range satânico quando surpreendido a horas mortas da noite.

A lancha atracou ao cais. Em cima, Juvenal reconheceu o poeta Cruz de Sousa — uma perna a menos e uma cara redonda, de sorriso franco e optimista. Fora a última pessoa que deixara ali, no molhe, ao partir, e a primeira que encontrava agora, ao regressar. E a lembrança de quanto sofrera nesse lapso de tempo ensombrou-lhe novamente o espírito.

— Desculpe-me não ter ido a bordo, mas compreende... — E o poeta sorria, indicando a sua muleta.

Lentamente, porque Cruz de Sousa andava devagar, dirigiram-se para a cidade. Juvenal lutava para afastar as recordações da sua infância, que lhe surgiam de todos os lados. Já no meio da avenida que evoca o descobridor e liga o desembarcadoiro ao coração do Funchal, ali pertinho, deteve-se:

– Vocês não imaginam as saudades que eu, às vezes, tinha destes plátanos. Sobretudo, de certas manhãs de Primavera, em que o Sol projecta no chão a sombra das ramagens...

– Pois então sentemo-nos aqui. Poderás, assim, matar as tuas saudades dos plátanos –, disse Álvaro, com bonomia. E caminhou para uma das mesas que o «Golden Gate» oferecia no amplo passeio.

Sentaram-se. O grupo aumentava. Chegou, primeiro, o dr. João Ferreira, vindo de bordo, com a sua farda de médico da sanidade marítima; depois, Leonel de Castro, que se dedicava, como Elmano Vaz, a exportar vinhos; amigos de Álvaro e velhos conhecidos que se detinham em cumprimentos ou se sentavam também, alargando a roda. E sempre a mesma pergunta:

– Então, como vai isso lá pelo continente? A política?

Juvenal fugia a afirmações concretas, ocultando com vagas generalidades a sua ignorância. Mas eles insistiam, citavam nomes, querendo conhecer a explicação deste ou daquele acto do Governo. Um, mais ousado, concretizou:

– E a revolução, quando se faz? Que consta por lá?

– Não sei.

Álvaro, adivinhando o estado de espírito do irmão, interveio:

– O Juvenal, como sabem, sofreu, há pouco, um grande desgosto. É natural portanto, que não se tenha preocupado com a política...

Houve um silêncio. Depois, um deles quis tirar responsabilidades à sua curiosidade:

– Isto é perguntar por perguntar...

Mas já o dr. Manuel Vieira, não se solidarizando com a desculpa, afirmava energeticamente:

– É perguntar por perguntar, não! Nós vivemos aqui asfixiados! Portanto, é natural...

Juvenal recordava que outrora já era assim, sempre que chegava alguém de Lisboa. A mesma inquietação, as mesmas perguntas, a mesma rebeldia, ali e no continente, ali e em toda a parte onde circulava sangue lusíada. Politicamente, a Madeira era como um enxame de zângãos numa gaiola de grilos: ouviam-se sempre zumbidos.

Uma estrangeira, linda, alta, olhos claros, boca sensual, que passava a caminho do cais atraíu, porém, as atenções.

– Boa «gaja»! – comentou Elmano Vaz. E, como ela se detivesse um pouco abaixo do Café, sob o toldo onde se ostentavam bordados da ilha, ele ergueu-se e foi, discretamente, fingir que se interessava igualmente pela mercadoria.

Álvaro resolveu aproveitar o momento e levantou-se também:

– Vamos retirar a bagagem? – E voltando-se para os outros: – Como ele, desta vez, se demora por cá, têm muitos dias para conversar. Não é verdade?

Separados do grupo, caminharam, em silêncio, para a Alfândega, com Álvaro a deitar, por sua vez, um olhar de gula à estrangeira.

– São danados! – disse, por fim, como se retomasse o seu pensamento. – Em lhes cheirando a política... E a propósito: já tratei, como me pediste, da tua nomeação para dirigires a rearborização das serras. Têm surgido certas dificuldades... Não que mas apresentassem directamente; mas por umas coisas que eu soube...

– Não me querem?

– Não é o caso. A Junta pensa, de facto, em contratar um engenheiro silvicultor...

– Foi por ter sabido isso que eu me lembrei...

– E fizeste bem. Tens mais direito do que qualquer outro. Além de seres madeirense...

Juvenal interrompeu-o, ligeiramente excitado:

– Mas quais são as dificuldades?

– Bem vê: os rapazes que estão na Junta... Eles têm trabalhado; lá isso é verdade! Mas estão com a actual situação política. E como sabem que tu és contra ela... que és...

Álvaro hesitou um momento e acrescentou:

– Não me disseram nada, mas o Elmano Vaz ouviu, há dias, uns comentários que só podiam ter partido deles.

– Está bem. Não lhes fales mais no assunto. Não sou político, mas sou, evidentemente, contra esta situação, como sou contra todas as que têm existido. A mim convinha-me esse lugar, porque era uma maneira de passar algum tempo longe do continente, onde tenho tão tristes recordações. Mas não o desejo por favor, nem em troca das minhas ideias! Não me vendo...

– Ninguém pensa nisso! Tu sabes o que são os homens... Fazem sempre comentários... Não tem importância!

– Eu sou um técnico. E eles precisam de um técnico para rearborizar a ilha. Mas se não me quiserem assim...

Álvaro tranquilizava-o:

– Querem; vais ver que querem! O presidente da Junta ficou de me dar uma resposta por estes dias. Tu conhece-lo: é o João Pestana... Estou certo de que a resposta será favorável. Olha lá: e a tua situação em Lisboa?

– Eu pedi uma licença ilimitada, quando a Helena morreu...

Estavam já perto da Alfândega e como Juvenal visse, à porta que dava para a rua estreita, o homem que se encarregara, a bordo, das suas malas, deteve o irmão por um braço:

– Escuta, Álvaro. Tu, decerto, mandaste preparar um quarto para mim...

– Pois mandei. E é bem bonito! Da janela vê-se a parte baixa da cidade e toda a baía. Estou convencido de que vais gostar.

– É pena. Só a bordo me lembrei... Eu não queria que te incomodasses...

Álvaro fitou-o, surpreendido:

– Ora essa!

– Eu não queria ir para tua casa. Perdoa-me; já te explico. Eu preferia ir para uma pensão ou para um hotel. No hotel, tenho a impressão de que estou no estrangeiro e que, um dia, regressarei a minha casa, como quando a Helena vivia... Percebes? Na tua casa, contigo e com tua mulher, lembrar-me-ei mais da minha...

E eu não posso, não posso!

A sua voz tornara-se trémula. O irmão olhava-o em silêncio e, depois, condescendia:

– Está bem; seja como quiseres...

Juvenal Gonçalves, após a morte por doença da sua esposa, Helena, regressa à ilha da Madeira, sua terra natal. Aqui, num cenário contrastante de natureza idílica e encantadora, atravessa os vários estádios do luto e da solidão, revoltando-se perante a fragilidade da condição humana e a sua capacidade de resignação, tomando consciência das injustiças sociais que o rodeiam, da chocante discrepância que opõe a vida dos burgueses ricos do Funchal, entre os quais se conta o seu irmão, Álvaro, e a dos camponeses e bordadeiras. A insurreição que encabeça é prontamente suprimida pelo governo nacional. Com a deportação para o inferno de Cabo Verde, virá também a notícia da gravidez fruto da sua relação com Elizabeth, e uma renovada esperança no futuro da humanidade.

Romance publicado em 1933, após o êxito mundial obtido com *A Selva, Eternidade*, marcado pelo pendor autobiográfico da perda e do luto, ocupa um lugar particular na bibliografia e na vida de Ferreira de Castro, reavaliada hoje em dia pela crítica como uma das suas maiores obras ficcionais.

ISBN 978-989-564-050-8
9789895640508



cavalo de ferro